

**LÉXICO E CULTURA NAS OBRAS A SAGA DO SERINGUEIRO E VIDA DO SERINGUEIRO****Airton de Mesquita Silva<sup>1</sup>**  
**Alexandre Melo de Sousa<sup>2</sup>****RESUMO**

O léxico de determinado grupo de falantes traz em seu bojo os reflexos da cultura e da identidade linguística dos falantes e da região onde o usuário da língua habita. O presente trabalho tem como objetivo identificar o léxico do seringueiro e compreender aspectos culturais e lingüísticos em dois textos de expressão regional: *A saga do seringueiro* e *Vida do seringueiro*. O artigo apresenta, ainda, um glossário com o léxico próprio da referida atividade laboral, extraído das obras referidas, desenvolvido a partir da macroestrutura e da microestrutura (SOUSA, 2008). Além da seleção dos verbetes nas obras regionais, procedemos a confirmação dos itens lingüísticos por meio de visitas à colocação Lago Grande, localizada no Seringal Iracema, pertencente à Reserva Extrativista Cazumbá-Iracema em Sena Madureira – Acre, ao Parque Capitão Ciríaco em Rio Branco, à Reserva Chico Mendes na BR 317, km 75. O estudo se fundamenta nos estudos de Antunes (2012), Biderman (1998, 2001), Isquerdo (1998, 2001), Geraldini (1996), Oliveira (1998) – que discutem a relação do léxico e cultura, do léxico regional, e da utilização do léxico em sala de aula. Como resultado do estudo, organizamos 31 verbetes no glossário.

**PALAVRAS-CHAVE:** léxico; cultura; linguagem regional; seringueiros; glossário.

**LEXICON AND CULTURE IN A SAGA DO SERINGUEIRO AND VIDA DE SERINGUEIRO****ABSTRACT**

The lexicon of a given group of speakers brings with it the reflexes of the culture and linguistic identity of the speakers and the region where the user of the language lives. This work aims to identify the lexicon of the rubber tapper and understand cultural and linguistic aspects in two texts of regional expression: *A saga do seringueiro* and *Vida do seringueiro*. The article also presents a glossary with the lexicon proper to that work activity, extracted from the referred works, developed from the macrostructure and microstructure (SOUSA, 2008). In addition to the selection of entries in the regional works, we confirmed the linguistic items through visits to the Lago Grande site, located in the Seringal Iracema, belonging to the Cazumbá-Iracema Extractive Reserve in Sena Madureira - Acre, to the Capitão Ciríaco Park in Rio Branco, to Reserva Chico Mendes on BR 317, km 75. The study is based on the studies of Antunes (2012), Biderman

<sup>1</sup> Mestre em Letras pelo Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Acre. Professor de Língua Portuguesa no município de Sena Madureira - Acre.

<sup>2</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. Professor de Língua Portuguesa e Linguística na Universidade Federal do Acre. Professor e pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade e no Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS).

(1998, 2001), Isquierdo (1998, 2001), Geraldini (1996), Oliveira (1998) - who discuss the relationship of lexicon and culture, regional lexicon, and use of lexicon in the classroom. As a result of the study, we organized 31 entries in the glossary.

**KEYWORDS:** lexicon; culture; regional language; rubber tappers; glossary.

## INTRODUÇÃO

O léxico de determinado grupo de falantes traz em seu bojo os reflexos da cultura e da identidade linguística do sujeito falante e da região à qual o usuário da língua habita e se manifesta através da linguagem. Os estudos lexicológicos têm comprovado que através do estudo do léxico é possível compreender a realidade cultural, social e linguística de determinada comunidade de falantes. A partir desta conjectura, este trabalho tem como objetivo identificar o léxico do seringueiro e compreender aspectos culturais e linguísticos em dois textos de expressão regional: *A saga do seringueiro*, do poeta Manoel Passos e *Vida do seringueiro*, do poeta João Vieira de Souza.

Neste trabalho, foi considerado como seringueiro, o extrator do látex, que no seio da floresta, sob a tutela do seringalista é condicionado ao meio social, cultural e econômico do contexto do seringal em pleno século XX. Ressalta-se a importância da seleção lexical destas obras, pois representam a memória de muitos trabalhadores que desbravaram a floresta em busca de sobrevivência e deixaram um legado histórico, social e linguístico, ora acessados por meio de textos de diversos gêneros.

É necessário salientar que, o objetivo desse texto não é fazer uma análise discursiva, embora esse tipo de análise seja relevante, o que daria outro artigo. Considerando o foco linguístico, busca-se assim identificar as unidades lexicais do universo do seringueiro presentes nos poemas, salientando o contexto de uso da palavra, a fim de construir um glossário de termos presentes nestas obras que possa facilitar a leitura e compreensão do vocabulário dos seringueiros, por leitores, estudantes e pesquisadores do tema.

Será apresentado, como resultado deste trabalho, o glossário construído a partir das obras selecionadas. Acredita-se que o léxico é uma forma de manifestação da língua pelo falante que possibilita verificar as organizações sociais, as manifestações culturais, as memórias e a identidade linguística de determinado grupo de falante e de sua região. Por isso, o grupo escolhido para este trabalho foram os seringueiros que deixaram um

grande legado, tanto na cultura da região como na constituição da linguagem e de sua variante falada na região amazônica, sobretudo no Acre.

Nesse sentido, Biderman (1998) afirma que “o léxico de uma língua natural pode ser identificado como o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história” (BIDERMAN, 1998, p. 13). É este “patrimônio vocabular” ao qual a autora se refere que se busca evidenciar e divulgar através desta pesquisa. Vale enfatizar que, o processo de nomeação de instrumentos de trabalho, objetos, ações e espaços decorrentes de um grupo de falantes em suas atividades de trabalho como os seringueiros contribuem para a constituição do vocabulário da região. De acordo com a autora, “no seu processo individual de cognição da realidade, o falante incorpora o vocabulário nomeador das realidades cognoscentes juntamente com os modelos formais que configuram o sistema lexical” (BIDERMAN, 1998, p. 12).

Antunes (2012), por sua vez, defende que “o léxico de uma língua, numa definição mais geral, pode ser visto como um amplo repertório de palavras de uma língua ou conjunto de itens à disposição dos falantes para atender às suas necessidades de comunicação” (ANTUNES, 2012, p. 27). Foi encontrado nos textos regionais este “repertório de palavras” que a autora enfatiza. O vocabulário referente ao universo de trabalho e do modo de vida do seringueiro, seja da sua condição social, de suas lutas, de suas crenças e costumes encontrados nos textos, muitas vezes não é compreendido pelos leitores, por essa razão, o glossário apresenta-se como um instrumento importante para acessar essas palavras em seu contexto de uso.

Antunes (2012) postula que “nos grupos em que atuamos ou aqueles com que interagimos, somos identificados também pela linguagem que usamos” (ANTUNES, 2012, p. 46). Então, é possível dizer que o léxico dos seringueiros que produziram borracha na Amazônia brasileira, sobretudo no Acre, carrega a identidade regional e linguística dos falantes, pois muitas palavras dessas palavras foram inseridas no vocabulário regional.

Pode-se dizer ainda, que uma região compreende características geográficas, econômicas, ambientais, culturais e sociais, tendo a língua como conexão com indivíduos de outras regiões, porém a linguagem varia e identifica o indivíduo e o lugar que ele habita particular e coletivamente. De acordo com Pozenato (2001):

Uma determinada região é constituída, portanto, de acordo com o tipo, com o número e com a extensão das relações adotadas para defini-la. Assim, em última instância, não existe uma região da Serra ou uma região da Campanha a não ser em um sentido simbólico, na medida em que seja construído (pela práxis ou pelo conhecimento) um conjunto de relações que apontem para esse significado (POZENATO, 2001, p. 583).

As “relações” que permitem a identificação de uma região – seja pela linguagem, seja pela cultura – se estabelecem por meio da língua (especificamente pelas relações comunicativas) e contribuem para a formação do léxico. Por este motivo, acreditamos que, quando identificamos e compreendemos o léxico de uma região ou de determinado grupo de falantes, também acessamos a sua cultura e seus costumes. Sobre esse aspecto, Isquerdo (1998, p. 89) diz que estudar uma língua é também estudar uma cultura. Por isso, ressaltamos a importância do léxico do seringueiro para resgatar e compreender aspectos culturais do universo do seringueiro.

Os estudos de Matoré (1953) indicam que existe uma relação estreita entre realidade social e o léxico de determinado povo. Para ele, além dos limites descritivos do léxico, é preciso observar o caráter intrinsecamente sociológico da palavra, já que ela é o reflexo da realidade social. Ou seja, há no léxico de um determinado grupo reflexos de aspectos da realidade vivida – como é o caso específico dos seringueiros do Acre.

Vilela (1994), por sua vez, defende que “o léxico é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extralinguística e arquiva o saber linguístico duma comunidade” (VILELA, 1994, p. 6). Certamente, as palavras sozinhas não abarcam toda a realidade linguística de um grupo de falantes, mas entendemos que o léxico consegue fazer relação com aquilo que extrapola os limites da linguagem, como a cultura, as crenças, o modo de vida, os instrumentos e espaços de trabalho, entre outras coisas. Sobre esse assunto, vale citar as palavras de Sousa e Dargel (2020):

[...] o léxico, como um saber partilhado culturalmente entre os membros de uma sociedade, integra um dos níveis da língua mais suscetíveis a inovações e mudanças em decorrência de condicionantes sociais, físicos, geográficos, ambientais e, desse modo, torna-se revelador de crenças, expectativas, realidade, conhecimento de cada ser humano. Nomeia-se e se particulariza “coisas” sobre as quais se têm poder cognitivo ao se atribuir um designativo por meio de ações como identificar, categorizar, delimitar e singularizar, ou seja, aplicam-se noções para se demonstrar que algo, dentre outras existências no universo, tem características próprias e, por isso, é diferente (SOUSA; DARGEL, 2020, p. 7).

O presente estudo concentrou-se apenas nos instrumentos de trabalho, espaços e objetos utilizados no cotidiano dos seringueiros em plena atividade no século XX, entendendo que “o léxico é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo” (VILELA, 1994, p. 6).

Nessa mesma linha de pensamento, Carvalho (2001) chama atenção para a estreita relação entre língua e cultura observada a partir do cotidiano dos falantes. A autora diz que “no caso da língua e da cultura maternas, esse todo não é ensinado em nenhum lugar especial, mas adquirido ao sabor dos acontecimentos cotidianos” (CARVALHO, 2001, p. 100). Percebe-se, assim, que as manifestações acontecem de forma quase natural dentro do contexto de uso da língua nos processos de interação, nomeação e comunicação de uma região. A pesquisadora afirma, ainda, que “a fronteira cultural não é apenas a das nações, nem sequer a da língua: pode ser regional e até mesmo grupal” (CARVALHO, 2001, p. 102).

O ser humano no exercício diário – seja no trabalho, na família, na região ou na comunidade a que pertence – nomeia objetos, seres, espaços, ações e tudo aquilo que circunda seu cotidiano. E isso acontece de forma natural, porque o ato de nomear seres, experiências, sentimentos é inerente ao homem. Ao atribuir designativos às coisas, ele projeta crenças e valores do grupo a que pertence. Desse modo, podemos concluir que no léxico, como elemento da linguagem, há reflexos socioculturais e antropolinguísticos de um grupo humano, pois, nas palavras de Sousa e Dargel (2020):

[...] compreende-se que, por meio da linguagem, o homem se relaciona e interage em sociedade, propagando hábitos culturais, revelando a própria identidade e construindo a identidade coletiva. A linguagem, assim, é o mecanismo pelo qual a cultura sobrevive, e é, ao mesmo tempo, o alimento, o condicionante, a marca, o resultado, ou seja, um produto cultural construído por intermédio da cristalização de uma língua em uma sociedade (SOUSA; DARGEL, 2020, p. 10).

No tocante, especificamente, ao processo de formação do léxico da seringa no Acre, de acordo com Isquierdo (1998, p. 93), houve um processo de especialização de significado de muitos termos a partir das palavras já existentes, como, por exemplo, judiar, sangrar, sarar e solar a madeira. Segundo a autora, esses termos foram empregados em nomeações e em comunicações locais, porém, sem perder sua essência semântica, foram apenas ressignificados, dando origem a novos sentidos para os termos.

Como no presente trabalho utilizamos o texto escrito para selecionar o léxico, vale citar Geraldi (1996):

[...] o texto é condição para a leitura; e que a leitura vivifica os textos [...] a qualidade (profundidade) do mergulho de um leitor num texto depende de seus mergulhos anteriores. Mergulho não só nas obras que leu, mas também da leitura que faz da sua vida (GERALDI 1996, p.112).

Portanto, acredita-se que o léxico dos seringueiros, presente nos textos acessados através da leitura, possibilita a compreensão da cultura e do modo de vida, e a construção de um glossário que agregue esses termos e seus respectivos significados, além de constituir um material de consulta léxica, servirá como material didático para ser utilizado em salas de aula. No glossário, os verbetes possuirão os significados dos termos, contextualizando-os a partir de trechos das obras, pois, como bem destaca Biderman, a palavra “assume assim nos mitos de cada cultura uma força transcendental” (BIDERMAN, 1998, p. 81). Dessa forma, a proposta deste trabalho é proporcionar o acesso ao universo do seringueiro por meio da palavra.

A cultura, segundo Chauí (2000), “se realiza porque os humanos são capazes de linguagem, trabalho e relação com o tempo. A Cultura se manifesta como vida social, como criação das obras de pensamento e de arte, como vida religiosa e vida política” (CHAUI, 2000, p. 61). A relação entre léxico e cultura é perceptível, portanto, a partir do estudo da palavra retirada da linguagem que os grupos utilizam no seu cotidiano.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

Nesta pesquisa foi realizada uma revisão bibliográfica sobre léxico, léxico regional e cultura – relacionada ao tema e à escolha *corpus* (extraído de *A saga do seringueiro* e *Vida do seringueiro: poemas populares de expressão regional*) – com o objetivo de produzir um glossário de termos regionais relacionados ao léxico do seringueiro e compreender a relação entre o léxico e a cultura no contexto regional.

Após a leitura das obras selecionadas, destacamos os termos e expressões características do universo vocabular dos seringueiros. O passo seguinte foi elaborar as definições, com base nos contextos das obras, e destacar as passagens que serviriam para a exemplificação dos contextos.

Em seguida, com base nas orientações para a organização da microestrutura do verbete proposta por Sousa (2008): (palavra entrada + informação gramatical + definição + contexto de uso + legenda), estruturou-se os verbetes em ordem alfabética para organizar o glossário.

Em outro momento, com o intuito de confirmar os termos e sentidos atribuídos a eles, foram realizadas vistas: a) à colocação de seringa, Lago Grande, localizada no Seringal Iracema, pertencente à Reserva Extrativista Cazumbá-Iracema em Sena Madureira – Acre; b) ao Parque Capitão Ciríaco em Rio Branco; c) à Reserva Chico Mendes, na BR 317, km 75, sentido Assis Brasil; d) à residência do ex-seringueiro e poeta popular Manoel Passos em Sena Madureira.

Para a construção do glossário, foram utilizadas algumas imagens da internet, sobretudo os quadros de Hélio Melo, para ilustrar alguns verbetes deste trabalho. Hélio Melo (1926-2001) foi um grande expoente das artes plásticas do Acre, trazendo o seringal para as telas de sua autoria. Autodidata, cursou apenas até a terceira série do antigo primeiro grau, porém, um homem multifário, pois também era compositor, músico e escritor. O artista nasceu e viveu no seringal, cortou seringa, vivenciou o cotidiano do seringal em todas as dimensões e intensidade, desta experiência nasceram obras de artes incríveis valorizando a cultura, o modo de vida e as lutas do seringueiro na Amazônia. Além da pintura, ele se destacou na poesia e na música, com as quais se tornou reconhecido internacionalmente por suas obras.

Também se conseguiu alguns objetos utilizados na extração de látex como: *balde, poronga, cabrita, raspadeira, tigela*. Outros foram confeccionados pelos alunos: *borracha e seringueira*. Realizou-se uma amostra deste vocabulário do seringueiro em uma escola pública de Sena Madureira em 2019, a fim de comprovar a eficiência do trabalho em aproximar o leitor ou o habitante da região do léxico desta parte da Amazônia. Ressalta-se que, no glossário, em algumas imagens de objetos foi necessário utilizar setas e círculos, para destacar e facilitar a visualização pelo leitor.

É importante saber que a *microestrutura* de um dicionário corresponde à maneira como os verbetes estão organizados estruturalmente de forma horizontal, na seguinte ordem: palavra de entrada; informações gramaticais; definição; exemplo de

uso; marcas de uso; e remissiva. No glossário desenvolvido, foi utilizada a proposta de Sousa (2008):

VERBETE:

**PALAVRA DE ENTRADA.** *Informação Gramatical.* Definição. “Contexto” (LEGENDA).

Na legenda temos as seguintes informações: (iniciais do autor; ano de publicação da obra; página).

O uso de glossários pelo “leitor comum” permite que ele entenda a linguagem de especialidade ou regional, mesmo sendo com certas limitações sobre o léxico de determinada área de conhecimento, de grupos de especialidades, ou de uma região, com falares diferentes. As palavras técnicas de um texto, seja ele científico ou literário se tornam um obstáculo para a leitura de um leigo no assunto, porém, com a descrição de um glossário, a capacidade de leitura e entendimento do léxico é ampliada. Nesse contexto, de acordo com Welker (2005), o glossário constitui-se a partir do:

Levantamento das palavras-ocorrências e das acepções que têm num texto manifestado [...]. Portanto, se encontram geralmente no final de certos livros para esclarecer o significado de determinadas palavras ou expressões usadas pelos autores (WELKER, 2004, p. 25).

O glossário é um instrumento necessário ao estudo de texto de especialidades, pois permite a descrição e explicação de um termo utilizado no contexto daquele enunciado, evitando dúvidas quanto aos sentidos, pois, como diz Paula (2007):

A cultura, esse tecido dinâmico e inconsútil de significados, se faz e refaz graças às suas formas linguísticas de expressão. É na sua manifestação linguística que a materialidade cultural se constitui, também, um sistema de linguagem. Hábitos, crenças, saberes se repassam como cultura pelo ato não raro de repetição por outros, mas sua consciência simbólica de significação da coletividade se assegura e se reforça graças à configuração linguística (PAULA, 2007, p. 92).

Percebe-se que a cultura e a linguagem são indissociáveis quando se trata de compreender o ser humano nas suas diversas formas de organizações e manifestações culturais considerando o lugar de onde o sujeito se expressa e constrói sua identidade.

O glossário é importante também para ampliar a capacidade de leitura e compreensão de um texto. Dentre as áreas da linguística que se dedicam ao estudo do



léxico, a Lexicografia – ciência da produção de dicionários – contribui enormemente para que o léxico seja visto como fonte de acesso à cultura através da língua.

Para Biderman, lexicografia é “ciência que tem como objetos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico” (BIDERMAN, 1998, p. 16). Seguindo a definição da lingüista, estruturamos o glossário – produto deste estudo – que revela, intrinsecamente, as relações socioculturais resultantes da interação e da nomeação de objetos (ações que se realizam por meio da língua e que revelam a cultura e o modo de vida dos indivíduos falantes de determinado grupo e/ou região). Sobre este aspecto, Barros e Isquerdo defendem que “o léxico é social, porque se fundamenta em uma análise continuada das situações em que ocorre um ato de fala” (BARROS; ISQUERDO, 2010, p. 74). Esta afirmação permite dizer que a proposta desse estudo se enquadra neste pensamento, pois recorre a uma definição dos verbetes considerando o contexto comunicativo do seringueiro que se apresenta em um texto, porém com relação direta ao ato de fala.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

É importante destacar que, na produção do glossário, foi respeitada a escrita que constava nas obras, *A saga do seringueiro* e *Vida do seringueiro*, especialmente ao destacar as abonações. Assim, como lembra Isquerdo (1998), “[...] o estudo de um léxico regional pode fornecer, ao estudioso, dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo de um determinado grupo” (ISQUERDO, 1998, p. 89).

Atualmente, muitos acreanos (sobretudo os mais jovens) não conhecem o modo de vida e a história dos seringueiros no Acre. Parece algo que ficou no passado e só são resgatadas nos livros didáticos de história. Estudar o léxico desse grupo social significa, também, valorizar a memória e as tradições, e atualizar a trajetória de vida dos trabalhadores que são responsáveis pela origem do Acre e pelo legado cultural e lingüístico do estado.

Cumprido (2012), em suas ponderações sobre o léxico, afirma que:

[...] além de o léxico ser a forma de registrar o conhecimento do universo, também é um sistema aberto que engloba o patrimônio vocabular de uma

dada comunidade linguística ao longo de sua história, que constitui um tesouro cultural abstrato”(CUMPRI, 2012, p. 42).

No Acre, há um legado linguístico nascido das relações socioculturais do universo do seringal no período do auge da produção de borracha na primeira metade do século XX, como destacamos anteriormente. É preciso proporcionar às novas gerações, aos leitores e pesquisadores da linguagem o acesso ao léxico do seringueiro. Um glossário de termos regionais, elaborado a partir da leitura de textos de expressão regional, é de fundamental importância para valorizar a cultura da região, divulgar a linguagem regional e manter viva a memória histórica e cultural dos seringueiros, soldados da borracha e todos os trabalhadores que desempenharam alguma função na grande engrenagem do seringal em suas atividades de produção de borracha na Amazônia.

### Glossário ilustrado do vocabulário do seringueiro

**AVIAÇÃO.** *Sm.* Mercadorias fornecidas, mensalmente, pelo patrão seringalista ao seringueiro. O seringalista mandava entregar as compras na casa do seringueiro. “Quando dava no começo do mês chegava a aviação, ali vinha de tudo a mandado do patrão. (MP0205).



**Figura 1** – Aviação. Fonte: <https://docplayer.com.br/98597-Historia-da-ocupacao-da-amazonia.html>

**BANDOLEIRA.** *Sf.* Alça produzida com sola ou couro, medindo aproximadamente 90 centímetros, que o seringueiro fixava na coronha e no coice da espingarda para transportá-la pela floresta durante as caças ou durante o corte da seringa. “Bandoleira, cinto que se amarra na coronha para o coice da espingarda”. (JVS3687).



Figura 2 – Bandoleira. Fonte: <https://almaacreana.blogspot.com/2009/10/helio-melo-arte-imita-vida.html>.

**BALDE.** *Sm.* Vasilhame de boca afunilada utilizada para recolher o leite da seringa (látex). A forma afunilada da boca tem o objetivo de não derramar o leite no trajeto que o seringueiro fazia na estrada de seringa. “O seu **balde** na mão”. (MP0205).



Figura 3 – Balde. Fonte: Dados da pesquisa

**BARRACÃO.** *Sm.* Espaço localizado na sede do seringal dedicado à venda de mercadorias mantimentos e vendia a borracha. Toda a administração do seringal se concentrava no barracão. “Se o seringueiro é esperto faz borracha e plantação, compra pouca mercadoria, tem saldo no **barracão**”. (JVS0687).



Figura 4 – Barracão. Fonte: <https://almaacreana.blogspot.com/2012/02/era-dos-seringais.html>.

**BACIA.** *Sf.* Utensílio utilizado para pôr o leite colhido para aquecer e defumar a borracha no defumador. “Despejava o leite na **bacia**, ali não tinha sujeira”. (MP0205).



Figura 5 – Bacia. Fonte: Dados da pesquisa.

**BORRACHA.** *Sf.* Goma elástica produzida com látex. Era o principal produto comercializado nos seringais fabricado com o leite de seringa (látex) extraídos das seringueiras pelos seringueiros diariamente. Atualmente é prensada em forma de retângulo denominado de *prancha*, como na imagem ilustrativa. “Se ele faz pouca **borracha** é tratado com má fé”. (JVS1087).



Figura 6 – Borracha. Fonte: Dados da pesquisa.

**CABRITA.** *Sf.* Instrumento utilizado pelo seringueiro para sangrar a seringueira e retirar o látex. “Ele usava seu rifle na bandoleira, seu balde na mão, a **cabrita** e a raspadeira”. (MP0105)



**Figura 7** – Cabrita. Fonte: Dados da pesquisa.

**CAPANGA.** *Sf.* Tipo de bolsa feita de couro de boi ou de animais fixada a um cinto que o seringueiro usava para transportar cartuchos de espingarda. A **capanga** “a capanga para carregar os cartuchos da espingarda”. (JVS3687).



**Figura 8** – Capanga. Fonte: <https://almaacreana.blogspot.com/2009/10/helio-melo-arte-imita-vida.html>.

**COLOCAÇÃO.** *Sf.* Espaço no seringal destinado à moradia do seringueiro, geralmente com 5 ou 6 estradas de seringa para produção borracha para o patrão. “Amigo escute, preste bem atenção o que é que eu vou contar no tempo dos patrão, a vida dos seringueiros nas suas **colocação**.” (MP0105).



**Figura 9** – Colocação. Fonte: Dados da pesquisa.

**CAVACO.** *Sm.* Tipo de lenha verde tirada na mata com cortes em diagonal utilizada para queimar junto com coco seco ou lenha seca para a produção de fumaça e vapor necessários para defumar a borracha. “O **cavaco** era partido espécie de uma fatia”. (MP0205).



**Figura 10** – Cavaco. Fonte: Dados da pesquisa.

**CEPO.** *Sm.* Assento feito com troncos de madeira utilizado pelo seringueiro para se acomodar na hora da defumação da borracha. “Cepo de assento”. (JVS38).



**Figura 11** – Cepo. Fonte: Dados da pesquisa.

**CAVADOR.** *Sm.* Vara de madeira roliça que sustenta o princípio de borracha no mourão funcionando como um eixo de rotação que o seringueiro movimenta até a borracha atingir o peso ideal (aproximadamente 60 quilos). “O **cavador**” (JVS38).



Figura 12 – Cavador. Fonte: Dados da pesquisa.

**CUIA.** *Sf.* Vaso feito de coité utilizado para tirar o látex da bacia, derramar na borracha e girar na fumaça da fornalha. “–A **cuia**”. (JVS38).



Figura 13 – Cua. Fonte: <https://www.flickr.com/photos/gurgel/2365066802/>.

**ESTOUPA.** *Sf.* Tipo de mochila produzida com um pedaço pano resistente, em forma retangular com duas arreatas, utilizada para transportar a carga (utensílios, mercadoria, o saco de leite de seringa, sernambi, castanha, alguma caça etc.) nas costas do seringueiro, sustentada pelas arreatas. “a estoupa, serve para carregar os utensílios conforme vemos nas costas do seringueiro”. (JVS3687).



**Figura 14** – Estoupa. Fonte: Dados da pesquisa.

**ESTRADA.** *Sf.* Também chamada de estrada de seringa, são caminhos abertos pela floresta que leva o seringueiro até as estradas de seringueiras. As estradas têm um formato circular, geralmente abrange de 100 a 150 árvores seringueiras e o seringueiro gasta, aproximadamente, três horas para percorrer. “Roçar suas **estradas**na maior animação”. (MP03).



**Figura 15** – Estrada. Fonte: Dados da pesquisa.

**FORNALHA.** *Sf.* Espécie de chaminé em forma de cone com boca afunilada por onde sai a fumaça da queima do cavaco, utilizada na defumação da borracha. “Botava fogo na fornalha, bem debaixo da fumaceira”. (MP0502).





**Figura 16** – Fornalha. Fonte: Dados da pesquisa.

**FUMACEIRA.** *Sf.* Também chamada de “difumaceira” ou defumador, é o local de fabricação da borracha ou defumada. Na fumaceira se encontram a fornalha e a estrutura utilizada para defumar a borracha. “Despejava o leite na bacia ali não tinha sujeira, botava fogo na fornalha bem debaixo da fumaceira, uma casinha enfeitada de palha tirada da palheira”. (MP0205).



**Figura 17** – Fumaceira. Fonte: Dados da pesquisa.

**MOURÃO.** *Sm.* Nome dado à estrutura de madeira do cavador que sustenta a borracha e que compõe o espaço onde se fabricam as pélas de borracha defumada. “O **mourão**”. (JVS3887).



**Figura 18** – Mourão. Fonte: Dados da pesquisa.

**PORONGA.** *Sf.* Lamparina para ser usada na cabeça do seringueiro. Em sua estrutura, que possui uma base na forma de um capacete, contém uma peça contendo uma peça adaptada para evitar que o vento apague a chama quando o seringueiro caminha pelas estradas no período noturno. “A **poronga** na cabeça para alumiar as seringueiras”. (MP0205).



**Figura 19** – Poronga. Fonte: Dados da pesquisa.

**PORÃO DA FORNALHA.** *Exp.Subs.* Nome dado ao buraco cavado no solo com o utilizado para acender o fogo embaixo da fornalha e gerar a fumaça e o vapor necessários para a defumação da borracha. “O porão da fornalha”. (JVS3887).



**Figura 20** – Porão da fornalha. Fonte: Dados da pesquisa.

**PÉLA DE BORRACHA.** *Exp. Subst.* Peça de borracha pronta para a venda, formada por camadas semelhantes à pele. “A péla (bola de látex)”. (JVS3887).



**Figura 21** – Péla de borracha. Fonte: Dados da pesquisa.

**RASPADEIRA.** *Sf.* Instrumento utilizado para raspar o caule da seringueira e definir o local do corte denominado por eles de bandeira. “Ele usava seu rifle na bandoleira, o seu balde na mão a cabrita e a raspadeira”. (MP0205).



Figura 22 – Raspadeira. Fonte: Dados da pesquisa.

**REGATÃO.** *Sm.* Embarcação comercial em forma de batelão comum nos rios da região amazônica. O regatão era utilizado no transporte de mercadorias para serem vendidas para os seringueiros e também na compra da borracha. “E ajudai a nos libertar das garras do **regatão**”. (JVS0187).



Figura 23 – Regatão. Fonte: <http://www.almanacre.com/2010/08/regatao-heroi-atipico-da-amazonia.html>.

**RODO NA ESTRADA.** *Loc. Verb.* Refere-se às voltas que o seringueiro dá na estrada de seringa para cortar e recolher o leite. Cada volta corresponde a um rodo, pois a estrada de seringa é projetada em forma de círculo. “Seringueiro dormia pouco, saía de madrugada porque era obrigatório dar dois **rodos na estrada** (MP0105)”.



Figura 24 – Rodo na estrada. Fonte: <https://almaacreana.blogspot.com/2009/10/helio-melo-arte-imita-vida.html>.

**SACO.** *Sm.* (ou saco defumado) Saco de pando que passa por um processo de impermeabilização utilizando o leite de seringa e defumação. Desse processo originou-se o nome “saco encauchado”. O seringueiro utilizava o saco para armazenar e transportar o leite colhido durante o processo de corte e colha do látex nas estradas de seringa. “**Saco**, onde se guarda o látex depois de colhido”. (JVS3687).



Figura 25 – Saco (ou Saco defumado). Fonte: <https://almaacreana.blogspot.com/2009/10/helio-melo-arte-imita-vida.html>.

**SERINGALISTA.** *Sm.* Nome dado ao dono do seringal (patrão de todos os trabalhadores do seringal). Para administrar o seringal, o seringalista era auxiliado pelo gerente e outros trabalhadores intermediários entre o seringalista e os seringueiros. “Havia seringalista que era muito esperto”. (JVS1287).



Figura 26 – Seringalista. Fonte:

[https://www.seringal+seringalista&oq=seringal+seringalista&gs\\_l=img.3...19891](https://www.seringal+seringalista&oq=seringal+seringalista&gs_l=img.3...19891).

**SERINGUEIRO.** *Sm.* Nome dado ao homem que trabalha na extração do látex. No seringal, a função do seringueiro é, além de retirar o leite da seringueira através do corte, produzir a borracha. “Se o seringueiro é esperto faz borracha e plantação”. (JVS0687).



Figura 27 – Seringueiro. Fonte: Dados da pesquisa.

**SERINGUEIRA.** *Sf.* Árvore característica da região amazônica (*hevea brasiliensis*) de onde o seringueiro extrai o látex (ou o “leite da seringa, como os trabalhadores chamavam). “Estamos apresentando uma poesia prá seringueira ofertar”. (JVS0287).



**Figura 28** – Seringueira. Fonte: Dados da pesquisa.

**TÁBUA DE BOLAR BORRACHA.** *Exp. Subst.* Estrutura de madeira que serve de sustentação e apoio para a locomoção da peça de borracha (produto do látex). A tábua de rolar era utilizada para que, com o movimento circular, a bola de borracha ficasse na forma oval. “A tábua de bolar borracha”. (JVS3887).



**Figura 29** – Tábua de bolar borracha. Fonte: Dados da pesquisa.

**TIGELINHA.** *Sf.* Utensílio utilizado pelos seringueiros para, após serem fixadas na seringueira, receber o leite/látex. As tigelinhas eram feitas com latas de óleo de cozinha vazias, pois, na época (meados do século XX), o óleo de cozinha era embalado em latas de flandê e eram reaproveitadas para fazer as tigelinhas. “a **tigelinha** para apanhar o látex”. (JVS3687).



**Figura 30** – Tigelinha. Fonte: Dados da pesquisa.

**TUBIBA.** *Sf.* Correia de borracha que o seringueiro usava para amarrar a boca do saco (utilizado para transportar o leite da seringa durante o processo de colha do látex) nas estradas de seringa. “Tubiba, tira de borracha para amarrar o saco”. (JVS3687).



**Figura 31** – Tubiba. Fonte: <https://almaacreana.blogspot.com/2009/10/helio-melo-arte-imita-vida.html>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar o léxico do seringueiro constitui uma possibilidade para conhecer a linguagem regional e o legado cultural deixado pelos trabalhadores acreanos das seringas do século XX. A partir da produção do glossário foi possível valorizar o falar desses homens e mulheres que vivenciaram com intensidade as intempéries da vida no seringal. A história sociocultural dos seringueiros gerou uma linguagem peculiar da região, surgida das relações comunicativas entre seringueiros e seringalistas no contexto de produção e comercialização de borracha.

Os seringueiros, personagens principais dos ciclos de produção de borracha na Amazônia, contribuintes da economia do mundo, possuem histórias narradas, sob várias



perspectivas, em novelas, produções cinematográficas ficcionais, documentários, produções musicais, artes plásticas, pintura e literatura. Cada linguagem que destaca a cultura do povo acreano, especialmente dos seringueiros, procura manter viva a história desse povo, em seus aspectos sociais e linguísticos.

Acreditamos que a cultura, os costumes, as dificuldades e as alegrias estão presentes nos significados e ressignificados das palavras que constitui o léxico do seringueiro. Manter viva a linguagem regional é também manter viva a história do povo a partir das suas formas de singularizar, nomear.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **O território das palavras**: estudo do texto em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BARROS, Lídia Almeida; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **O léxico em foco**: múltiplos olhares. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Filologia e Linguística Portuguesa**: dimensões da palavra. São Paulo: UNESP, 1998.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnica. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, 1998, p. 131-144.

CARVALHO, Nelly. **Publicidade**: a linguagem da sedução. São Paulo: Ática, 2001.

CHAUI, Marilena: **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CUMPRI, Marcos Luiz. Algumas reflexões sobre léxico e gramática. Revista Entrepalavras. V. 2, n. 1 (2), 2012, p. 41-50. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321.2.2.1.41-50> Acesso em: 15/04/2020.

GERALDI, José Wanderley. **Linguagem e ensino**: Exercícios de militância e divulgação. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, 2001, p. 91-100.

MATORÉ, George. **La Méthode en Lexicologie**. Paris: Didier, 1953.

PAULA, Maria Helena de. **Rastros de velhos falares: léxico e cultura no vernáculo catalano**. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

POZENATO, José Clemente. Algumas considerações sobre região e regionalidade. In: FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes; ZILLES, Urbano (Org.). **Filosofia: diálogo de horizontes**. Porto Alegre/Caxias do Sul: Edipucrs/Educs, 2001, p. 149-157.

SILVA, Manoel de Passos. **A Saga do Seringueiro** Sena Madureira: Jornal Especial Sena, 2005.

SOUSA, Alexandre Melo de. O uso do dicionário em sala de aula. In: **Anais da III Jornada Nacional de Linguística e Filologia de Língua Portuguesa** – Trabalhos completos. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2008. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/iiijnlflp/textos\\_completos/pdf/O%20uso%20do%20dicion%C3%A1rio%20em%20sala%20de%20aula%20-%20ALEXANDRE.pdf](http://www.filologia.org.br/iiijnlflp/textos_completos/pdf/O%20uso%20do%20dicion%C3%A1rio%20em%20sala%20de%20aula%20-%20ALEXANDRE.pdf). Acesso em: 15/02/2020.

SOUSA, Alexandre Melo de; DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. Onomástica: interdisciplinaridade e interfaces. Revista GTLex. v. 3, n. 1, 2020, p. 7-22. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/Lex5-v3n1a2017-1>. Acesso em: 15/04/2020.

SOUZA, João Vieira de. **Vida do Seringueiro**. Plácido de Castro: Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Plácido de Castro, 1987.

VILELA, Mario. **Estruturas léxicas do português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

WELKER, Herbert Abreu. **Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia**. Brasília: Thesaurus, 2004.

**Recebido em 12 de maio de 2020**

**Aprovado em 20 de junho de 2020**